

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Ariane Simão de Souza

**A CRECHE SÃO FRANCISCO DE ASSIS: UMA ALTERNATIVA À INFÂNCIA
POBRE EM PORTO ALEGRE (1932-1980)**

Porto Alegre

2. Semestre

2016

Ariane Simão de Souza

**A CRECHE SÃO FRANCISCO DE ASSIS: UMA ALTERNATIVA À INFÂNCIA
POBRE EM PORTO ALEGRE (1932-1980)**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

***Orientadora: Prof^a Dr^a Dóris
Bittencourt Almeida***

Porto Alegre
2. Semestre
2016

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Nair, que fez muita faxina para poder me dar conforto, livros, tintas e brinquedos. Apesar de não ter sido escolarizada, sempre me ensinou a importância da escola.

À minha irmã Clecir, que me ensinou a dar cambalhotas e muitas outras malandragens essenciais, e não menos importante, para vida.

À minha irmã Lenir, que me ensinou as primeiras letras e me chamou de burra inúmeras vezes (risos).

Aos meus sobrinhos, em especial ao Bruno, a Giulia e ao Bernardo, que são as *cobaias* mais lindas que poderia ter tido.

Ao Jonatan, que sempre esteve comigo em todos os momentos, auxiliando-me, apoiando-me e *suportando-me*.

Aos alunos que acompanhei durante esses cinco anos de graduação.

Aos colegas da Faculdade de Educação, às amigas, aos inimigos... nossas conversas, brigas e discussões foram importantes para minha formação e para a vida.

Aos colegas de pesquisa, em especial à Valeska, à Lueci, ao Lucas, à Roberta e à Beti. Vocês me ensinaram muito em cada conversa e em cada sorriso.

Agradeço às minhas colegas de trabalho, em especial à Fábria, à Débora Dartora e à Renata pelas discussões, risadas e pelas palavras positivas.

Aos professores que tive durante a minha escolarização e aos do Curso de Pedagogia, em especial à minha orientadora, Dóris, que confia e acredita no meu trabalho. Obrigada pela disponibilidade e pelas aprendizagens. Iniciar na bolsa de Iniciação Científica foi a melhor parte da graduação.

Às funcionárias da Escola de educação Infantil São Francisco de Assis, pela parceria e contribuição para esta pesquisa.

À Alice Rigoni e à professora Aline Cunha por participarem da minha banca.

São muitas pessoas a quem agradecer e de certo modo todas (todas mesmo!) contribuíram direta ou indiretamente com minha formação. Aqui fica o meu mais sincero OBRIGADA!

Dedico este trabalho a todos que lutam por
uma educação institucionalizada de
qualidade aos mais pobres.

[...] Porque não vejo razão, para alguém fazer uma pesquisa de verdade, que não seja o amor a pensar, a libido de conhecer. E, se é de amor ou desejo que se trata, deve gerar tudo o que o amor intenso suscita, de tremedeira até suor nas mãos. O equivalente disso na área de pesquisa é muito simples: o susto, o pavor diante da novidade. Mas um pavor que desperte a vontade de inovar, em vez de levar o estudante a procurar terra firme, terreno conhecido. (RIBEIRO, 1999, p. 190).

RESUMO

Este estudo se inscreve no campo da História da Educação, em suas interfaces com a História das Instituições Educativas. A pesquisa aqui desenvolvida procura compreender o significado da constituição da Creche São Francisco de Assis no contexto dos primeiros anos do século XX em Porto Alegre, percebendo a atuação da instituição junto à comunidade nas décadas seguintes. Esta foi a primeira Creche do Rio Grande do Sul, destinada às crianças pobres, idealizada pela necessidade de um local em que as mães pudessem deixar seus filhos para poderem trabalhar. A construção da Creche contou com o apoio dos médicos higienistas e das senhoras da elite porto alegre. A principal metodologia utilizada neste estudo foi a História Oral, que teve como instrumento de pesquisa entrevistas realizadas com quatro funcionárias da instituição. Também foram consultados um livro memorialístico do pediatra Raul Moreira, que participou da inauguração da Creche e os estudos da pesquisadora Débora Mello sobre a instituição.

Palavras-chave: **História das Instituições Educativas. História Oral. Infância.**

SOUZA, Ariane Simão de. **A CRECHE SÃO FRANCISCO DE ASSIS: UMA ALTERNATIVA À INFÂNCIA POBRE EM PORTO ALEGRE (1932 - 1980)** – Porto Alegre: UFRGS, 2016. 00 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1: Mapa do bairro Cidade Baixa..... | 11 |
| Figura 2: Creche São Francisco de Assis..... | 12 |
| Figura 3: Placa da brinquedoteca..... | 22 |
| Figura 4: Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre..... | 27 |
| Figura 5: Roda dos Expostos..... | 27 |
| Figura 6: Maternidade Mário Totta..... | 29 |
| Figura 7: Senhora Annes Dias..... | 33 |
| Figura 8: Placa em homenagem a Annes Dias..... | 33 |
| Figura 9: Uma das salas da Creche..... | 39 |
| Figura 10: Capela da Creche..... | 41 |
| Figura 11: Freiras no berçário..... | 43 |
| Figura 12: Sala do berçário..... | 43 |
| Quadro 1: Entrevistadas da pesquisa..... | 16 |
| Quadro 2: Roteiro das entrevistas | 17 |
| Quadro 3: Médicos que trabalharam na Creche..... | 41 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACBERGS – Associação de Creches Beneficentes do Rio Grande do Sul

ACHCSC – Arquivo do Centro-Histórico Cultural da Santa Casa

CNPQ – Conselho Nacional de Pesquisa

Dr. - Doutor

Dra. - Doutora

FACED – Faculdade de Educação

Ir. - Irmã

LBA – Legião Brasileira de Assistência

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PUCRS – Pontifícia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul

s.d. – Sem Data

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 O PERCURSO DA PESQUISA: REVIRANDO OS ARQUIVOS DA MEMÓRIA... | 10 |
| 2 O LUGAR DA HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA..... | 20 |
| 3. A INFÂNCIA POBRE EM PORTO ALEGRE: DA RODA DOS EXPOSTOS À CRECHE SÃO FRANCISCO DE ASSIS..... | 25 |
| 3.1 PRIMEIROS OLHARES PARA A HISTÓRIA DA CRECHE SÃO FRANCISCO DE ASSIS..... | 32 |
| 4 SEGUINDO POR AREIAS MOVEDIÇAS..... | 44 |
| REFERÊNCIAS..... | 46 |

1 O PERCURSO DA PESQUISA: REVIRANDO OS ARQUIVOS DA MEMÓRIA

Memória é nosso senso histórico e nosso senso de identidade pessoal (sou quem sou porque me lembro quem sou) (IZQUIERDO, 1989, p. 01).

Início este trabalho buscando em minhas memórias lembranças das aproximações que tive com a História da Educação. Foi durante o primeiro semestre do Curso de Pedagogia, em uma aula ministrada por Dóris Almeida, que pude entender melhor o conceito de memória, que se constitui por lembranças e esquecimentos. Percebi o quanto as memórias, individuais ou coletivas, são fundamentais para a construção da História.

Nessas aulas, entendi que a disciplina de História, ofertada durante toda minha escolarização básica, somente privilegiava as narrativas dos considerados *grandes homens*. Nunca havia tido a oportunidade, na escola, de saber das [...] “histórias pequenas, das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes.” (BRUM, p. 187, 2006). Portanto, digo que este trabalho de conclusão de curso está permeado de subjetividades, de como fui me encontrando no campo da História da Educação.

Durante o quinto semestre da graduação, iniciei como Bolsista¹ de Iniciação Científica, vinculada ao projeto “Memórias e Histórias da FAGED/UFRGS”. Durante a pesquisa, conheci trajetórias de vida de estudantes² do Curso de Pedagogia. Por meio do estudo de suas autobiografias, tive contato com os contextos históricos nos quais eles estavam inseridas e, assim, acompanhei seus percursos educacionais.

Eis então que chegou o momento de produzir o trabalho de conclusão de

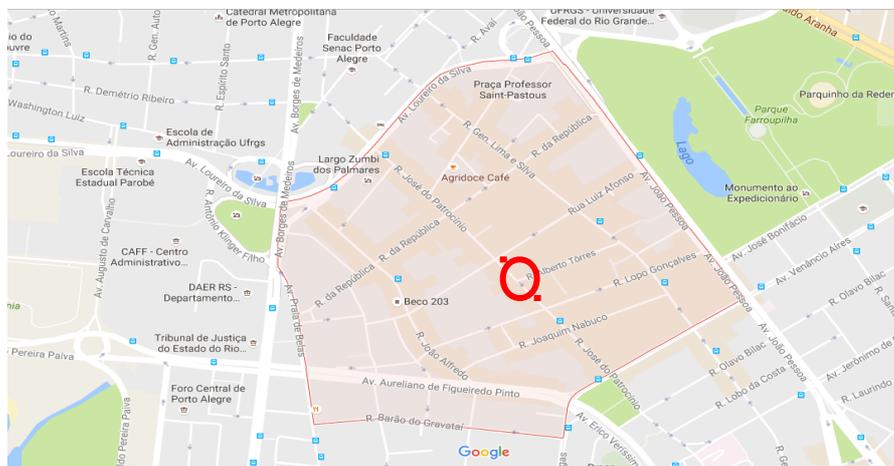
1 Bolsista de iniciação científica (PIBIC/CNPQ) de agosto de 2014 a julho de 2015, orientada pela professora Dóris Almeida.

2 Ver mais em: “De pessoas comuns a pedras preciosas: um estudo sobre memoriais de estudantes do Curso de Pedagogia/UFRGS”. Salão de Iniciação Científica (27. : 2015 out. 19-23 : UFRGS, Porto Alegre, RS).

curso. Para tanto, fui provocada³ a pesquisar a história da Creche⁴ São Francisco de Assis⁵, localizada no Bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre. Tal provocação calou fundo em mim, tendo em vista as afinidades que venho construindo com a História da Educação e também pelo fato de trabalhar com a Educação Infantil como Monitora em uma escola da rede pública municipal, na periferia da cidade. Por meio dessa investigação, consigo aliar os dois interesses: o tema da infância atravessado pelas lentes da História da Educação. Assim, em cada momento da pesquisa, percebi uma aproximação entre meu trabalho diário e o serviço prestado pela Creche São Francisco de Assis, durante seus 84 anos de existência.

No início de fevereiro de 2016, visitei a Creche pela primeira vez, sem ter qualquer informação sobre a instituição. Seu prédio⁶ imponente e com uma arquitetura de encher os olhos está localizado na antiga Travessa do Harmonia, hoje Rua Alberto Torres e creio que não passa despercebido pelos pedestres. Abaixo, um mapa com a sua localização.

Imagem 1: Mapa do Bairro Cidade Baixa



Fonte: www.google.com.br/maps

3 Pesquisar sobre a história da Creche, foi uma sugestão da professora Dóris e sua orientanda Valeska de Lima.

4 Neste trabalho optei por utilizar a palavra creche, mesmo sabendo que nos dias de hoje seja chamada de Escola de Educação Infantil São Francisco de Assis.

5 O nome São Francisco de Assis é uma homenagem ao santo católico: Em 1223 Francisco se aposentou como superior da ordem. Ele construiu uma pequena creche no natal naquele ano e foi o fundador do costume de se fazer presépios para adornar as igrejas no natal. Fonte: <http://cleofas.com.br/sao-francisco-de-assis/>

6 Projeto idealizado pelo engenheiro e empresário Osvaldo Coufal. Fonte: Moreira, 2012.

Na frente do prédio, há um jardim com flores, folhagens e algumas árvores. O edifício possui muitas janelas com formatos de arcos, também colunas e vidraças com vitrais. Em destaque, ocupando a parte central, uma estátua, de tamanho significativo, de São Francisco de Assis. Na parte interna, quinze salas, distribuídas em dois andares, muitas delas amplas e com pé-direito alto o suficiente para nos sentirmos pequenos naquele lugar. Existem cinco banheiros. A instituição conta com diversos espaços de pátio, internos e externos. Parte do pátio externo, hoje, é alugado para uma garagem.

Analisar a disposição das salas e a arquitetura da Creche nos permite perceber o quanto de investimento houve naquele prédio. Ainda, é importante para questionarmos sobre as relações do prédio com as pessoas que lá trabalham. Segundo Magalhães, em uma instituição nada “acontece, ou aconteceu, por acaso, tanto o que se perdeu ou transformou, como aquilo que permaneceu. A memória de uma instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais” (2004, p. 155). Ao percorrer “memórias e arquivos” (MAGALHÃES, 2004, p. 155) da Creche, vou conhecendo parte de sua história. A seguir uma imagem da instituição.

Imagem 2: Creche São Francisco de Assis.



Fonte: www.commonswikimedia.org

Ao passar pela porta de entrada da Creche São Francisco, é possível avistar placas fazendo referência a alguns nomes de políticos, tais como: Getúlio Vargas⁷, Alberto Bins⁸, Flores da Cunha⁹ e outros. Também constam placas de empresas¹⁰ que fizeram doações¹¹ ou tinham convênio com a instituição. Há outras placas, ligadas à Igreja Católica, como forma de registrar a passagem de uma Congregação que em algum momento prestou homenagem ou assistência à Creche.

Nessa primeira visita, tive acesso à obra “Uma Vida pela Criança: Cinquenta anos de pediatria”, escrita por Raul Moreira¹² (2012), pediatra que participou da idealização da Creche e trabalhou por alguns anos na mesma. Recebi da atual diretora, Guísela Maria Gutiel¹³, um exemplar desse livro¹⁴. Esse foi o primeiro documento que me aproximou da história da Creche. Assim, pude encontrar na referida obra, de conteúdo memorialístico, memórias registradas por alguém que presenciou a inauguração desta instituição educativa.

Pelo que escreveu Raul Moreira, o terreno em que se localiza a Creche teria sido uma doação da Prefeitura Municipal de Porto Alegre¹⁵:

7 Getúlio Dornelles Vargas (São Borja, 19 de abril de 1882 — Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1954) atuou como advogado e como político brasileiro, governador do Rio Grande do Sul entre 25 de janeiro de 1928 a 9 de outubro de 1930. Fonte: Orgs. Décio Freitas e Álvaro Lorangeira. *A Serpente e o Dragão*, 2003.

8 Alberto Bins (Porto Alegre, 1869 – Porto Alegre, 24 de abril de 1957). Foi o primeiro porto-alegrense a assumir a prefeitura da capital gaúcha de 27 de fevereiro de 1928 a 22 de outubro de 1937. Fonte: Pacheco, R. A. *A modernidade envolve o campo político: representações e práticas do processo eleitoral na Porto Alegre da década de 1920*, 2005.

9 José Antônio Flores da Cunha (Santana do Livramento, 5 de março de 1880 — Porto Alegre, 4 de novembro de 1959). Foi governador do Rio Grande do Sul, de 28 de novembro de 1930 a 16 de outubro de 1937 e após senador pelo mesmo Estado. Fonte: orgs. por Carmen Aita e Gunter Axt. *José Antônio Flores da Cunha: discursos (1909-1930)*, 1999.

10 Grupo Gerdau e Grupo Dimed.

11 Doações de brinquedos ou em dinheiro.

12 Raul Moreira da Silva nasceu em 21 de maio de 1891, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Concluiu o curso médico na Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1916. A partir dos anos 1920, trabalhou como médico na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, sendo nomeado Diretor Geral de Assistência à Infância da instituição. Permaneceu à frente do serviço de pediatria da Santa Casa até se aposentar em 1959. Faleceu em 22 de setembro de 1969. Foi homenageado pela Sociedade de Pediatria do Rio Grande do Sul, sendo indicado como patrono da Cadeira 7 da Academia Brasileira de Pediatria. <https://www.sbp.com.br/institucional/academia-brasileira-da-pediatria/patronos-e-titulares/raul-moreira-da-silva/>

13 Na Direção da instituição desde julho de 2007.

14 A obra de Moreira, não foi comercializada, foi editada em 2012 pelos filhos do pediatra e foram dados exemplares de presente para a instituição.

15 Procurei outras informações junto ao Arquivo Histórico Municipal de Porto Alegre. Lá, obtive a resposta de que não há comprovação documental de que a Prefeitura de Porto Alegre tenha feito a doação do terreno. Apesar de não ter encontrado documentos oficiais, parece haver um consenso entre as fontes analisadas (MELLO, 1997; MOREIRA, 2012) sobre tal doação.

Num vasto terreno, situado à travessa do Harmonia, próximo à rua José do Patrocínio, a Associação Beneficente de Senhoras São Francisco de Assis conseguiu da Prefeitura Municipal que ali se instalasse o edifício que iria abrigar, durante o dia, tantas crianças que os lares miseráveis não comportam (2012, p. 50).

De acordo com o pediatra, a Associação de Senhoras São Francisco de Assis era composta por esposas, a maioria, de médicos influentes de Porto Alegre. Nessa citação, fica visível a quem era destinada a Creche, ou seja, às crianças pobres. Na obra de Moreira (2012), em alguns momentos, a palavra pobre é substituída por desvalido, em referência aos desprovidos financeiramente. Optou-se, durante esta pesquisa, pela utilização do termo pobre, uma vez que este se refere à posição social dessa camada da população que dispõe de poucos recursos econômicos. Após ler muito sobre este assunto (KULLMANN, 2004; MELLO, 1997; MARCÍLIO, 2003), entendo que o conceito de desvalido está atrelado a um estado total de abandono, desamparo e ausência de família. Talvez a utilização do termo desvalido, pelo pediatra, tivesse o intuito de justificar uma interferência mais invasiva na educação dos mais pobres. Por não terem condições econômicas *adequadas*, já seriam considerados desamparados e precisariam de um auxílio e interferência em sua educação.

A palavra *alternativa*, também destacada no título deste estudo, foi escolhida devido a Creche ser um dos espaços em que as famílias empobrecidas pudessem deixar suas crianças, se assim desejassem. Esse lugar é visto aqui como uma opção, por isso, uma alternativa à infância pobre.

A primeira visita à Creche, aliada ao livro escrito por Raul Moreira, indicou a viabilidade de eleger essa instituição educativa como objeto de estudo para a realização do trabalho de conclusão de curso. Busco inscrever este estudo no campo da História da Educação, em suas interfaces com a História das Instituições Educativas. Magalhães corrobora, explicando que a História da Educação “aberta à interdisciplinariedade, associada à Sociologia, tendeu a evoluir de uma história institucional (centrada na educação como sistema, como instituição) para uma história problema” (2004, 91), na qual problematiza as relações entre a História da Educação e a História das Instituições Educativas.

Percebe-se que a Creche, assim como todas as instituições educativas,

têm determinados papéis dentro da sociedade na qual se inscrevem. No caso da São Francisco de Assis, de acordo com a documentação consultada, pode-se dizer que sua função, nos primeiros tempos de existência, era prestar assistência aos menos favorecidos economicamente, ensinar aos pais os cuidados básicos que deveriam ter com as crianças e transmitir os princípios cristãos (MOREIRA, 2012; MELLO, 1997).

No final de fevereiro de 2016, no intuito de me apropriar ainda mais das memórias da Creche, realizei entrevistas com três funcionárias da instituição: Diva, Marina e Ivone, que foram indicadas pela atual Direção, por serem aquelas que trabalham lá há mais tempo. Esses contatos foram importantes, pois apresentaram outras informações para a pesquisa e mencionaram algumas pessoas que também poderiam ser entrevistadas. Portanto, depois de conversar com essas mulheres, segui no rastro de outros contatos indicados por elas, entretanto, apenas uma deu retorno, a pediatra Eleonor¹⁶ Gastal Lago. Entrevistei-a em agosto de 2016.

Durante nossa conversa, a médica indicou que havia na instituição álbuns com fotos antigas, um caderno com anotações sobre as doações em dinheiro recebidas ao longo dos anos e outro com anotações das impressões dos visitantes em relação à Creche. Isso nos remete à ideia de que algumas pessoas nas instituições têm conhecimentos sobre os arquivos de memória que são produzidos nesses espaços. São inúmeras fotos e alguns cadernos guardados na Creche, os quais, pelos limites do trabalho de conclusão de curso, não será possível analisar. Porém, tais documentos, indicam a possibilidade de continuidade dessa pesquisa.

Sendo assim, esta investigação elege como fontes as memórias produzidas no evento das entrevistas, o conteúdo discursivo do livro memorialístico de Raul Moreira (2012) e os estudos de Débora Mello (1997), encontrados após revisão de literatura. Nesses, a autora aborda a história da Creche São Francisco de Assis e produz entrevista com uma das freiras, a Ir. Elisa, que atuou na instituição em 1935.

A seguir apresento um quadro com as entrevistadas da pesquisa:

16 Graduação em Medicina (1972) e residência médica em Pediatria (1973/1974) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrado (2000) e doutorado (2006) em Pediatria pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialização e experiência em Pediatria, com ênfase em Neonatologia. Atualmente é professora adjunta da Faculdade de Medicina da PUCRS. Fonte: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4701253H0>

Quadro 1: Entrevistadas da pesquisa

| Entrevistada | Diva Zianni | Ivone Moura | Eleonor Gastal Lago |
|-------------------------------------|--|--|-----------------------------------|
| Ano de ingresso na Creche | 1973 | 1978 | 1974 |
| Tempo de trabalho na Creche | 43 anos de atuação | 38 anos de atuação | 30 anos de atuação |
| Cargos que exerceu na Creche | serviços gerais, educadora, diretora e recepcionista | educadora | Pediatra |
| Cargo atual | Recepcionista | educadora | Atualmente não trabalha na Creche |
| Formação¹⁷ | Ensino Médio completo | Ensino Médio completo com curso complementar Normal (Magistério) | Doutorado em Pediatria |

Pode-se observar que três funcionárias trabalham há muitos anos na Creche e que a única que lá não permaneceu foi a pediatra Eleonor. Diva começou como auxiliar de serviços gerais. Após alguns anos, desenvolveu atividades como educadora nas salas do berçário e do maternal. Nos anos 1980, foi convidada a permanecer à frente da Direção e, após o período de dois anos, deixou essa função e passou a ser a recepcionista, cargo que ocupa até os dias de hoje. As demais entrevistadas sempre exerceram as mesmas atividades funcionais, tendo formação condizente com o mesmo.

Houve uma quarta entrevistada, a cozinheira Marina, cuja entrevista durou pouco tempo. Por este motivo, seu nome não consta no quadro apresentado, mas, mesmo assim, suas narrativas, serão analisadas juntamente com as demais na sequência do trabalho.

Sobre o roteiro das entrevistas, importa dizer que as desenvolvi, tendo por base as seguintes indagações:

¹⁷ Conforme dito pelas entrevistadas.

Quadro 2: Roteiro das entrevistas

| | |
|----|---|
| 01 | Como você conheceu/chegou na Creche? |
| 02 | Falar um pouco da sua formação. |
| 03 | Quem era o público que a Creche atendia? |
| 04 | Como era o atendimento às crianças (a rotina)? |
| 05 | Havia mensalidade? |
| 06 | Sobre a administração da Creche, quem administrava? |
| 07 | A Creche recebia doações? |

Esses questionamentos levaram a outras indagações, pois cada uma das perguntas realizadas suscitou outras lembranças das entrevistadas. Assim, abordaram os mais diversos temas, como por exemplo: a rotina diária, as brincadeiras, as doenças e o tratamento dispensado às crianças, a higiene, as famílias que deixavam os filhos na Creche, entre outros assuntos.

Após ter explicado como se deu o percurso da pesquisa, é chegado o momento de apresentar os propósitos desta investigação. Como objetivo geral, busca-se compreender o significado da constituição da Creche São Francisco de Assis, no contexto dos primeiros anos do século XX em Porto Alegre, percebendo a atuação da instituição junto à comunidade nas décadas seguintes. Realizou-se um recorte temporal do período a ser pesquisado, o qual compreendeu os anos em que a Creche foi administrada pela Congregação das Irmãs de São José¹⁸, de 1932 a 1980.

Entretanto, há outras especificidades que a pesquisa persegue, motivadas pela narrativa da educadora Ivone. Ao tratar sobre a fundação da Creche, disse que:

[...] foi fundada pra isso, porque ela [a Creche] queria que a roda... aquela das crianças, que largavam na Santa Casa. Então um dos objetivos de fundarem ela [a Creche] foi pra não se largar tanta criança e ficarem aqui. Aí, [os filhos das] empregadas domésticas, empregadas de indústrias, ficavam aqui. Inclusive acho que no início elas ficavam a semana toda. As mães só pegavam nos finais de semana. (2016).

Portanto, após ouvir essas palavras, fiquei curiosa em compreender as possíveis relações entre a Creche São Francisco de Assis e a Roda dos Expostos

18 Chegaram ao Brasil em 1858. Ver mais em: MARCÍLIO, 2003,

da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre¹⁹. A partir daí, emergiram outras questões: como era a relação da Creche com os moradores do bairro Cidade Baixa? Por que foi construída naquele local e não em outro? Por que uma construção tão monumental? Seria em função do discurso médico/higienista da época?

Ao tentar encontrar as respostas para meus questionamentos iniciais, lendo e visitando à Creche, tive a oportunidade de fazer meu estágio²⁰ curricular obrigatório nessa instituição, pois a Creche São Francisco de Assis está em funcionamento até os dias de hoje. Atuar como estagiária docente naquele lugar foi algo significativo para esta pesquisa. Na primeira vez em que lá fui, as funcionárias me pareceram um pouco receosas em falar, pois, de certo modo, as memórias daquela instituição educativa contam um pouco das suas trajetórias de vida. O fato é que eu não tinha nenhuma intimidade com aquelas pessoas, entendo, portanto, as dificuldades que se colocam, muitas vezes, entre o pesquisador e o entrevistado, pelos estranhamentos que se interpõem entre ambos os sujeitos na situação da entrevista.

No entanto, após a conclusão do estágio, eu comecei a notar que as funcionárias não mais me consideravam uma *estrangeira*. Acompanhava-me a sensação que eu estava me tornando quase parte do grupo. Convivemos juntas diariamente durante minha prática docente. Isso possibilitou que, a cada encontro pelos corredores, elas conversassem mais comigo e me contassem detalhes e novas informações sobre aquele lugar.

Permanecer na Creche durante um semestre possibilitou percorrer seus corredores, observando e estranhando detalhes aos quais, em uma única visita, talvez não fosse possível prestar a devida atenção. Pude ler inúmeras vezes as placas que constam nas paredes e pensar sobre elas. Como foram parar ali? Que importância tiveram os políticos que ali estavam descritos? Diariamente olhava para o pé-direito e transportava-me para outras décadas, pois a arquitetura da Creche, a disposição dos ambientes eram novidades para mim. Assim, perante o *novo*, fui tecendo a escrita desta pesquisa.

Para essa escrita, os capítulos estão organizados em: percurso da

19 Sobre a Roda dos Expostos ver capítulo 3.

20 Estágio Curricular Obrigatório do Curso de Pedagogia realizado no primeiro semestre de 2016, com orientação do professor Gabriel de Andrade Junqueira Filho.

pesquisa: revirando os arquivos da memória, no qual é discriminado o que será abordado neste trabalho; No segundo capítulo, o lugar da história oral na pesquisa, é discutida a metodologia da história oral”; No terceiro capítulo é tratada a infância pobre em Porto Alegre: da Roda dos Expostos à Creche São Francisco de Assis, são destacadas as instituições destinadas ao atendimento dos mais pobres, a Roda dos Expostos e a Creche, no subcapítulo “Primeiros olhares para a história da Creche São Francisco de Assis” é abordada a história da instituição. Em “Seguindo por areias movediças”, são feitas as considerações finais deste estudo. Para tornar a leitura acessível constam as notas de rodapé, algumas imagens e tabelas.

2 O LUGAR DA HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA

Nesta pesquisa, as narrativas de memória oral constituem, de modo privilegiado, o corpus empírico. Portanto, antes de avançar na história da instituição propriamente dita, considero importante discutir algumas questões acerca da História Oral, a metodologia que permitiu a produção desses documentos.

Segundo Alberti, a História Oral “permite o registro de testemunhos e o acesso a 'histórias dentro da história' e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (2008, p. 155). Assim, por meio dessa metodologia, pude conhecer memórias da instituição, explorar um pouco dos meandros que atravessam os diferentes sujeitos envolvidos desse lugar.

Grazziotin e Almeida (2012, p. 35) alertam que: “Memória e História Oral se aproximam e podem se confundir nas pesquisas. A memória constitui-se em documento, e a História Oral é a metodologia” [...]. Essa diferenciação entre Memória e História Oral é necessária, uma vez que estou dando os primeiros passos na pesquisa. Assim, compreendo que a narrativa oral pode ser fonte para a pesquisa, tendo o mesmo valor que documentos escritos, que estão em Arquivos Institucionais ou guardados em acervos pessoais.

Errante ressalta que “memória não é simplesmente um exercício de lembranças; há muitas formas de lembrar e diferentes razões por que nós queremos (ou não queremos) lembrar” (2000, p. 143). Talvez o importante da entrevista esteja na relação do que é ou não dito pelo entrevistado, pois dependendo do lugar que ocupa na instituição, o sujeito irá querer lembrar e contar algumas informações e optar por não lembrar de outras. É através das lembranças e dos esquecimentos que a memória vai se constituindo.

Alberti (2004, p. 18-19) diz que “o que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência.” Neste sentido, considero ter sido *fascinante* poder utilizar a História Oral, pois, desse modo, além de conhecer as lembranças das funcionárias da Creche, tive acesso a um conteúdo raro, que faz parte da vida de cada uma dessas mulheres que dedicaram algum tempo da sua

rotina diária para me ceder uma entrevista. Pude, de certo modo, *vivenciar as experiências* delas, não só porque temos em comum o trabalho com crianças, mas porque em cada frase dita pude rir e às vezes me surpreender com o que estava sendo falado.

Bosi (1994, p. 90) explica que “entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência”. Desse modo, ao conversar com algumas entrevistadas, foi possível perceber que nutriam o desejo de querer *conservar* a memória da Creche São Francisco de Assis. Enquanto falavam, faziam um esforço para lembrar de como era, ou de como alguém contou-lhes sobre o início da instituição. Isso reforça a ideia de que o exercício do lembrar é um trabalho, não é sonho ou devaneio.

O local escolhido, pela Direção, para fazer as entrevistas foi a brinquedoteca Diva Zianni, uma sala ampla onde pudemos ficar afastadas de interrupções e de ruídos do corredor. Este lugar é um evocador de memórias, pois, antes de ser uma sala com brinquedos diversos, foi berçário, portanto, as funcionárias entrevistadas puderam rememorar as atividades de trabalho que desenvolveram em outros tempos naquele espaço. Nossas memórias não são espontâneas, precisam de evocadores, neste caso, a brinquedoteca permitiu que muitas memórias que poderiam estar no esquecimento se transformassem em lembranças.

Ao iniciar cada entrevista, expliquei sobre a importância de se conhecer mais acerca da história da Creche São Francisco de Assis. Perguntei às depoentes se poderia gravar, com o uso do telefone celular, nossa conversa. Três das quatro entrevistadas concordaram e assim iniciamos um diálogo.

Grazziotin e Almeida (2012), ao tratarem do momento da entrevista reforçam a validade de fazer anotações durante a mesma. Importa registrar o que se presencia, descrever o espaço, as expressões faciais dos depoentes, os detalhes aparentemente banais do evento da entrevista. Esses registros também serviram para que eu conseguisse escrever os nomes de pessoas e de instituições que foram citados nas entrevistas.

A primeira entrevistada foi Diva, funcionária mais antiga da instituição.

Em um dos momentos ela contou-me sobre a emoção de ter seu nome eternizado em uma placa, na porta de entrada da brinquedoteca. Em suas palavras:

Olha, eu não esperava, foi uma emoção assim, indescritível. Acho que foi... deixa eu ver em 2000 e... acho que faz um 4 anos. Foi assim uma surpresa muito grande. Imagina ser reconhecida, uma pessoa tão simples que nem eu. E aí de repente aparece uma placa ali. Olha, foi muito legal isso aí, um reconhecimento (2016).

Figura 3: Placa com nome da Brinquedoteca



Fonte: Acervo da Creche, 2016.

Diva se identificou como sendo uma pessoa *simples* e surpreendeu-se ao batizarem a brinquedoteca com seu nome, talvez por saber que essas homenagens, historicamente, só aconteceram relacionadas aos nomes das *grandes* personalidades, que tiveram alguma influência na instituição durante os anos 1930. Ela mora desde 1973 na instituição, é solteira e, atualmente, sua casa é todo o andar superior da Creche. Ao ser questionada sobre a história daquele lugar, pareceu fazer um esforço para tentar rememorar-la. Durante nossa conversa, fez questão de dizer que estava narrando a história da Creche, mas que também era a sua história. Sua narrativa de vida confunde-se com as memórias que tem da instituição. Pode-se dizer que sua vida é aquele lugar.

A entrevista com a cozinheira Marina, que atua na creche há vinte anos,

durou pouco tempo. A entrevistada disse não lembrar dos acontecimentos do passado, assim explica, “não me lembro, como eu te disse, eu me envolvo com as coisas da cozinha, né? Aí se fica acontecendo alguma coisa, eu nem sei, né?” (2016). Segundo Beatriz Sarlo (2007, p. 09), “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança” [...]. Fiquei frustrada e com medo de como poderiam ser as próximas entrevistas, caso as depoentes não compartilhassem suas memórias, como poderia construir a escrita dessa história? Trabalhar com a História Oral sem criar expectativa de ouvir o que gostaríamos é um exercício interessante e árduo. Passado algum tempo após essa entrevista, alguns pensamentos me ocorreram sobre o porquê de Marina não quer falar. Pode ter sido por não se sentir importante diante da sua função na instituição, pois, em sua primeira frase, justificou-se que por trabalhar na cozinha não sabia sobre outros acontecimentos da Creche.

Bosi ressalta que o “interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 1994, p. 37). Talvez Marina não quisesse *perpetuar* suas memórias, por timidez de estar na frente de uma estranha com um gravador ligado ou por, simplesmente, não querer contar sua narrativa. Mas, de qualquer forma, cabe aqui reforçar que foram valorizadas todas as suas considerações, principalmente refletir sobre o lugar em que ocupa dentro da instituição, em que uns são lembrados e outros são destinados ao esquecimento.

Na entrevista com Ivone (2016), notei que parecia ser a mais animada em partilhar suas memórias. Disse, entusiasmada, “olha eu conheço a escola desde os 18 anos, desde o tempo das Irmãs” [...] e assim ficamos por quase uma hora falando sobre a Creche. Ivone casou e teve um filho que frequentou a Creche, durante os anos 1990. A educadora indicou o nome da pediatra Eleonor Gastal, pois foi esta médica que fez o parto de seu filho. Podemos perceber o quanto Ivone acredita no trabalho daquela instituição, pois seu filho permaneceu lá durante parte da sua infância. Também deixou claro em sua fala o quanto confia nas pessoas que trabalhavam naquele lugar, pois escolheu Eleonor para fazer o parto do seu filho e deixou a criança sob os cuidados das demais educadoras da Creche.

A entrevista com a pediatra durou uma tarde inteira. Foi uma conversa sem gravador ligado, apenas olhos e ouvidos atentos. Essa entrevista ocorreu na

sala da atual nutricionista ou, como lembra a doutora, “aqui era a sala de costura” (2016). Entre um gole e outro de café, vimos fotos que evocaram memórias dos trinta anos dedicados ao atendimento às crianças da São Francisco. Eleonor ressaltou a importância deste trabalho de tematizar a história da Creche São Francisco de Assis, bem como fez questão de frisar o privilégio de eu poder ter contato com as memórias das entrevistadas, que ela chamou de “arquivo vivo”.

As entrevistas foram momentos em que as funcionárias se emocionaram de um tempo em que, segundo elas, tudo *era diferente* (Ivone, fevereiro de 2016); um tempo que *era muito bom* (Diva, 2016). Através de suas lembranças, foi possível entender, de certo modo, o que era aquele espaço assistencial, para a infância pobre da Cidade Baixa, chamado de Creche.

3. A INFÂNCIA POBRE EM PORTO ALEGRE: DA RODA DOS EXPOSTOS À CRECHE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Naquele período, o lugar de boemia era ambientado em um bairro com suas ruas, seus casebres e cortiços, seus botecos, suas casas de batuque, suas rodas de samba, seus carnavais, seus blocos e cordões, suas inundações e estados de pobreza. A população que morava nesse lugar era composta de biscateiros, empregadas domésticas, prostitutas, desempregados e operários. (SILVA, 2015, p. 04).

Este capítulo tem como objetivo discutir a infância dos menos favorecidos economicamente, no sentido de compreender a educação institucionalizada para os mais pobres. Busca-se tratar do atendimento a essas crianças pelas instituições presentes no início do século XX em Porto Alegre: A Casa da Roda²¹ e a Creche.

Falar sobre a infância dos mais pobres em Porto Alegre em tempos pretéritos requer muita pesquisa. Primeiramente, é preciso compreender o que era a região chamada Cidade Baixa²², suas transformações, quem eram seus moradores na primeira metade do século XX. Na sequência, é preciso discutir por que médicos higienistas e senhoras da elite burguesa se *preocupavam* com quem vivia naquele lugar. Essas questões me fazem pensar acerca dos motivos que conduziram a idealização da Creche naquele bairro e não em outro.

Sobre a história do bairro Cidade Baixa, Werner (2013, p. 15) aponta que aquele lugar era conhecido, no século XIX, por Arraial da Baronesa²³, Areal da Baronesa²⁴, Emboscadas²⁵ e, no início do século XX, por Ilhota²⁶. Silva et al. (2010,

21 Era o local que ficava a Roda dos Expostos. A Roda era um cilindro de madeira, em que as crianças indesejadas eram abandonadas. Ver mais em: MARCÍLIO, 2003. A Roda em Porto Alegre teve início em 1837.

22 O bairro Cidade Baixa foi criado pela lei 2.022 de 21 de dezembro de 1959.

23 Devido à grande extensão de terras da Baronesa do Gravataí. Ver mais em Werner, 2013.

24 Depois de um incêndio na propriedade da Baronesa do Gravataí, restou uma areia avermelhada, assim, tornou-se areal e não mais arraial. Ver mais em Werner, 2013.

25 Quando os escravos fugiam dos seus senhores, escondiam-se na mata presente no Arraial da Baronesa, desse modo ficou conhecido como "Emboscadas". Ver mais em Werner, 2013

26 Ilhota, porque em 1905 foram realizadas obras em um riacho, que cortava o bairro, dando origem a uma pequena ilha. Ver mais em Werner, 2013

p. 24) ressalta que havia no bairro uma mansão²⁷ da Baronesa do Gravataí e que em 1879, depois de um incêndio em sua propriedade, ela loteou e vendeu suas terras, que passaram a ser habitadas por negros libertos e famílias italianas. Complementa que, na década de 1930, o bairro contava também com “imigrantes de diferentes origens” (2010, p.17).

Naquela década, a Cidade Baixa era marcada pela vida boemia e por diversos problemas, como, por exemplo, a mortalidade infantil, a pobreza, o desemprego e, por isso, cada vez mais a sociedade e os políticos se preocupavam com a [...] “Infância abandonada, a mendicância e a criminalidade de vagabundos ou vadios pelas ruas” (Mello, 1997, p. 43). Aquele lugar era considerado um local insalubre e com muitas inundações (WERNER, 2013). Contudo, é importante destacar que essas evidências não são uma prerrogativa exclusiva deste bairro. Porto Alegre, naquela temporalidade, contava com tantas outras regiões periféricas.

Contudo, é importante ressaltar que durante esta pesquisa foi encontrada uma referência (SILVA et al, 2010), na qual os autores reforçam que a região compreendida hoje como Cidade Baixa era composta por negros trabalhadores. Em nenhum momento fala-se sobre a criminalidade ou quaisquer outras preocupações, como os *vagabundos* ou *vadios* pelas ruas, citados por outros autores (SILVA, 2015; WERNER, 2013). De tudo isso, depreende-se que era um bairro de pessoas pobres, trabalhadores nas mais diversas funções.

De acordo com Silva os moradores eram "biscateiros, empregadas domésticas, prostitutas, desempregados e operários" (2015, p. 04). Tais informações permitem inferir que as crianças frequentadoras da Creche eram filhos dessa pessoas, ou seja, era importante a criação de instituições educativas que atendessem essa demanda. Talvez por isso, as senhoras da elite praticavam assistencialismo por meio da Associação Beneficente de Senhoras São Francisco de Assis.

Neste sentido, cabe dizer que as fontes da pesquisa indicam que a Creche São Francisco de Assis era destinada aos filhos de mães pobres trabalhadoras. Nos escritos de Moreira (2012), o médico explica que as mães

27 Ver mais em: Colonos e Quilombolas, Memória fotográfica das Colônias Africanas de Porto Alegre. 2010.

trabalhavam como “operárias ou serviçais” (2012, p. 138), possivelmente nas indústrias que funcionavam na Cidade Baixa, a partir da metade do século XX. (WERNER, 2013).

Cabe ressaltar que até 1940 ainda havia a Roda dos Expostos, na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Desde o século XIX, na Roda dos Expostos eram entregues crianças pobres ou filhos bastardos de mulheres ricas (PASSETTI, 2013; MELLO, 1997). Desde 1891, a Congregação das Irmãs de São José administrava a Roda (KUHLMANN, 2004) e, quarenta e um anos depois, a mesma Congregação estava à frente da Creche São Francisco de Assis (MOREIRA, 2012; MELLO, 1997) . Segundo o Centro Histórico Cultural Santa Casa:

A “Casa da Roda” foi instituída pela Lei Provincial n. 9 de 22 de novembro de 1837, com a finalidade de acolher e proteger as crianças abandonadas. Chamava-se assim porque as crianças eram colocadas dentro de uma roda de madeira, especialmente construída para esse fim. O bebê era então recolhido pela Porteira (2016).

Nas imagens a seguir tem-se, à esquerda, a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, foto de 1910, com a entrada da Roda dos Expostos em destaque no círculo vermelho. À direita, a roda dos expostos. É possível visualizar no cilindro de madeira um boneco de gesso que representa uma criança abandonada. Esta representação encontra-se no Centro Histórico e Cultural Santa Casa, localizado em Porto Alegre.

Figura 4: Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre



Fonte: AHCSC.

Figura 5: Roda dos Expostos



Fonte: AHCSC.

Na Casa da Roda, os expostos (meninos até sete anos e meninas até oito anos) poderiam ser criados por qualquer pessoa que assim quisesse, bastando que o interessado pela criança preenchesse um formulário e atendesse a algumas recomendações.

Sobre a extinção da Roda dos Expostos, Marcílio diz que:

Em meados do século XIX, seguindo os rumos da Europa liberal, que fundava cada vez mais sua fé no progresso contínuo, na ordem e na ciência, começou uma forte campanha para a abolição da roda dos expostos. Esta passou a ser considerada imoral e contra os interesses do Estado. Aqui no Brasil igualmente iniciou-se movimento para sua extinção. Ela partiu inicialmente dos médicos higienistas, horrorizados com os altíssimos níveis de mortalidade reinantes dentro das casas dos expostos. (2003, p. 66).

Como consequência das condições precárias em que se encontrava a população pobre, os discursos médico-higienistas ganharam força e contaram com o apoio das senhoras da elite, pertencentes à sociedade porto-alegrense, que não queriam conviver com o cenário de violência e criminalidade. Diante do discurso médico que se intensificava e ditava o modo *correto* de educar os pequenos, urgia a necessidade da criação de outros estabelecimentos educativos, pois a Casa da Roda já não supria as necessidades da população de Porto Alegre, tendo em vista sua precariedade no atendimento às crianças. O século XX trazia a modernidade para Porto Alegre, ou seja, o avanço das reformas urbanas (WERNER, 2010), da industrialização e o acirramento das desigualdades sociais pela afirmação de uma sociedade mais capitalista, precisava-se de mão de obra. Dessa forma justificava-se a criação de estabelecimentos como a Creche.

Segundo Stephanou (2005, p. 01) “nas primeiras décadas do século XX no Brasil [...] houve o que se pode chamar de proliferação de discursos médicos tematizando as relações da medicina com a educação”. Eram os médicos que ensinavam as famílias como deveriam cuidar das crianças. Era uma alternativa de civilizar os mais pobres. Entre as práticas sugeridas pela Medicina estavam a “polidez das condutas, asseio pessoal, cuidados com o corpo, a intimidade e a sexualidade, os novos modos de sociabilidade urbana (STEPHANOU, 2004, p. 02).

Os discursos médicos também insistiam na extinção da Roda. Neste sentido, cumpre destacar a atuação do pediatra Mário Totta²⁸, sendo um daqueles que propagou tal extinção, devido às condições precárias no atendimento às crianças. No mesmo espaço da Casa da Roda, na Santa Casa, inaugurou-se em 1940 a maternidade²⁹ (imagem a seguir) com o seu nome.

Diante de tantas pressões sociais, endossadas pelos médicos higienistas, a Roda dos Expostos de Porto Alegre encerrou suas atividades em 1940, ou seja, oito anos após a inauguração da Creche São Francisco de Assis, que aconteceu em 1932. Sabendo que a mesma Congregação de religiosas estava na administração da Casa da Roda e da Creche, podemos inferir que as práticas educativas das religiosas se aproximavam, pois eram as mesmas pessoas que trabalhavam em ambos os lugares. Cabe aqui deixar clara a diferença entre a Casa da Roda e a Creche. A Roda era voltada às crianças órfãs, já a Creche atendia crianças que tinham famílias, mas que precisavam ser deixadas na Creche por alguma necessidade, durante um período do dia.

Figura 6: Maternidade Mário Totta



Fonte: AHCSC, 1940.

28 Ver mais em: Tratar e educar: discursos médicos nas primeiras décadas do século XX. STEPHANOU, Maria. 1999.

29 Na maternidade havia um serviço denominado pupileira, através do qual as mães poderiam entregar, o filho indesejado para doação. Fonte: AHCSC.

Alguns estudos (MELLO, 1997; KUHLMANN, 1998; PASSETTI, 2013) apontam que a Creche foi introduzida no Brasil como uma solução à Roda dos Expostos, pois tal instituição identifica-se a uma proposta de modernidade no país (KUHLMANN, 1998). Em Porto Alegre, sua introdução parece ter ocorrido para auxiliar as famílias pobres, cujas mães precisavam trabalhar.

Portanto, evidencia-se uma forte relação entre o fim da Roda dos Expostos e a criação de um outro tipo de estabelecimento preocupado com a infância dos mais pobres na década de 1930 em Porto Alegre. É importante destacar que naquele tempo a cidade já experimentava um avanço no sistema fabril, bem como no desenvolvimento da urbanização. Naquele contexto, muitas mulheres pobres trabalhavam em diferentes atividades e precisavam contar com um lugar onde deixar seus filhos. Entende-se que a Creche São Francisco de Assis veio acolher uma demanda social e promover o acesso à educação para os menos privilegiados economicamente.

Moreira explica que a São Francisco de Assis tinha como objetivo atender “durante o dia, as crianças que os lares miseráveis não comportavam” (2012, p. 140). Lá, “as almas poderão entrar torpes e seus corpos andrajosos, mas pela porta de saída desfilarão almas felizes e corpos hígidos, num reflexo nítido de bem estar” (2012, p.141). Essas palavras reforçam o sentimento de, pelo menos, parte da elite porto-alegrense em relação à criança pobre. Moreira considera a Creche um lugar de transformação. Podemos perceber o quanto o médico acreditava no poder de, podemos chamar, *regeneração* dos menos favorecidos economicamente. Transmite a ideia de que, pelo fato de serem pobres, havia a necessidade de uma mudança total de hábitos.

Seguindo os princípios da modernidade que chegavam à capital do RS, a Creche São Francisco de Assis estaria contribuindo com a mudança da futura geração de porto-alegrenses, através do que Moreira chama de “surto civilizador”³⁰ (2012, p. 139). Naquela instituição, as crianças teriam os cuidados necessários para o que considera “uma vida saudável” (MOREIRA, 2012, p. 141) e suas famílias estariam assistidas, através de cursos e palestras. Esse “surto civilizador” auxiliaria

30 Raul Moreira fala em surto civilizador ao citar que diversas instituições, tais como: Faculdade de medicina, escola de Enfermagem, Departamento Estadual de saúde, Santa Casa e outros, estavam em prol da educação dos mais pobres.

no processo de construção de uma determinada civilidade para os mais pobres de Porto Alegre. Moreira demonstra, mais uma vez, que havia uma preocupação de moldar os menos favorecidos de acordo com um padrão ditado pela medicina.

A idealização de construir um lugar específico para abrigar a infância pobre estava inserida em um contexto de afirmação dos discursos higienistas, legitimados pela crença de que só assim seria possível recuperar as populações marginalizadas e encaminhá-las para serem bons cidadãos. (GONDRA, 2007). A preocupação com a infância estava ancorada aos saberes da Medicina que influíam diretamente sobre as concepções de educação que se tinha. Assim, intensificaram-se as intervenções da Medicina na sociedade, diante das altas taxas de mortalidade infantil. Cumpre destacar que, por vezes, as mães eram consideradas as responsáveis por *não saberem cuidar dos filhos*. Mello diz que:

As mães burguesas eram postas como aliadas dos médicos na difusão dos novos comportamentos junto às mães trabalhadoras. As mães das classes pobres eram responsabilizadas pela alta taxa de mortalidade infantil sendo consideradas desinformadas e ignorantes, pois, não sabiam cuidar da higiene dos recém-nascidos (1997, p. 42).

Percebe-se o quanto as mães burguesas de Porto Alegre estavam envolvidas com a infância dos menos privilegiados, visto que, na Creche São Francisco de Assis, a primeira presidente foi Carolina de Revoredo Annes Dias (conhecida como D. Sinhá Annes Dias), esposa do doutor Heitor Annes Dias, médico dessa cidade (MOREIRA, 2012). Este é mais um exemplo das íntimas ligações que se estabeleceram entre Medicina e Educação.

Para melhor compreender a história dessa instituição educativa, foi preciso inscrevê-la no contexto das origens do Bairro Cidade Baixa, com o objetivo de conhecer quem eram seus moradores nas primeiras décadas do século XX. Procurou-se discutir as questões que envolviam a infância dos desprovidos economicamente na cidade, tendo como referência a estreita relação entre o fechamento da Roda dos Expostos, o discurso médico-higienista e suas ressonâncias diante da constituição da primeira Creche do Rio Grande do Sul, a Creche São Francisco de Assis.

3.1 PRIMEIROS OLHARES PARA A HISTÓRIA DA CRECHE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Nesse capítulo, serão articuladas as memórias das entrevistadas, bem como consultas a outras fontes para tecer a relação da Creche com o público que atendia, da sua inauguração em 1932 até os anos 1980, quando houve a saída da Congregação de religiosas.

Antes disso, cabe aqui destacar um dos momentos registrados por Moreira acerca do lançamento da pedra fundamental da Creche ocorreu em 1929, nas palavras dele:

Para os que têm amor e compreendem o valor da infância, o Natal de 1929 foi um dia memorável em Porto Alegre. O calor era intenso, mas havia um calor mais forte: o entusiasmo que animava a todos os que assistiram o lançamento da pedra fundamental da primeira Creche do Rio Grande do Sul. Era a assistência real à infância desvalida em marcha! (2012, p. 140).

É com essas palavras que o pediatra narra em seu livro o dia em que se concretizaria, na prática, a primeira Creche do Rio Grande do Sul. A Associação São Francisco de Assis, dirigida pelo Frei Pacífico de Bellevaux, contava com a participação ativa das senhoras: D. Sinhá Annes Dias (primeira presidente da Creche), Emília Toffoli Agrifoglio, Adda Cezar de Moreira³¹, Maria Soares, Maria Py Mariante, Tinoca Torelly, Luiza Bicca de Medeiros, Lourdes de Medeiros Fleck, e as senhoritas: Carolina Toffoli e Carmen Annes Dias (Moreira, 2012, p. 141).

Nas imagens a seguir, é possível ver, à esquerda, a foto da sra. Annes Dias, que está na parede da Creche até os dias de hoje. À direita, uma placa, localizada em uma das paredes do refeitório da instituição, com a escrita: “Gratidão dos asylados da crèche a'sua Bemfeitora maxima D^a SINHÁ ANNES DIAS”.

31 Esposa do pediatra Dr. Raul Moreira.

Figura 7: Senhora Annes Dias



Fonte: Arquivo da Creche.

Figura 8: Placa em homenagem a Annes Dias



Fonte: Arquivo da Creche.

Na placa, a palavra gratidão remete à ideia de uma prática dos mais pobres prestarem agradecimentos aos mais ricos, pois havia o entendimento de que as elites eram as responsáveis por efetivarem instituições como a Creche, objeto de estudo dessa pesquisa. Segundo Varela e Alvarez-Uria (1992), tais ações cumpriam a função de domesticar os filhos daqueles que estavam à margem da sociedade, sem possibilidade de ascensão social. A essa domesticação caberia apenas impor os discursos ditados pelos médicos-higienistas, desse modo cada camada social permanecia no seu lugar.

Durante uma visita à Creche, questionei as entrevistadas sobre quem era a senhora da foto a quem a instituição agradecia. Algumas funcionárias responderam que era uma daquelas que ajudou na fundação daquele lugar. Essa questão foi levantada ao decorrer da pesquisa, sobre a necessidade de manter o quadro com a foto da primeira presidente, assim como as placas das *grandes* personalidades que frequentaram a instituição. Pois nem sequer são conhecidas por aqueles que habitam o lugar hoje. Qual a intenção? Pode ser uma prática atrelada aos padrões positivistas de valorizar os *grandes homens* em detrimento das pessoas comuns.

Para compreender melhor o que era essa ajuda, informada pelas entrevistadas, indaguei as funcionárias sobre qual seria o papel das senhoras da

Associação. Mello (1997) aponta que elas organizavam eventos para arrecadar fundos para a Creche. Essa questão foi trazida por Diva:

Faziam eventos na SOGIPA³², porque é um lugar que tem bastante espaço. Elas faziam tudo isso pra angariar fundos pra ajudar as duas escolas, as duas Creches³³, no caso... bordavam, vendiam panos de prato, toalhas, essas coisas todas... tudo pra angariar fundos para a associação. Essas senhoras, elas eram bem mais ativas, faziam eventos, chás, desfiles. (2016).

Ao ouvir as palavras da entrevistada, percebemos que o que permeava na Creche eram as ações de filantropia promovidas pelas senhoras da Associação, que se dedicavam a arrecadar fundos para a instituição. Segundo Kuhlmann “a filantropia representaria a organização racional da assistência, em substituição à caridade, prática dominada pela emoção, por sentimento de simpatia e piedade” (1999, p.61). A caridade nos remete às ações da igreja, tal como a Roda dos Expostos. A filantropia estava carregada de discursos da medicina, psicologia e outros (KUHLMANN, 2010). Portanto, percebe-se uma nítida diferença entre esses dois conceitos: a caridade identificada à Igreja Católica e a filantropia entendida como algo que dialogava com os princípios da modernidade. Por isso ganhou espaço em Porto Alegre na década de 1930, buscava, de certo modo, atender os mais pobres para que tivessem o comportamento esperado, “quando a família era pobre era tida como incapaz” (KUHLMANN, 2010, p. 25). Assim, os filantropos pretendiam “proteger, educar e disciplinar seus filhos” (KUHLMANN, 2010, p. 25).

Diva explicou que a Associação, formada pelo grupo de senhoras, só permanece no nome. “Elas foram se perdendo, a maioria acho que faleceu. E foi se perdendo o grupo e já não existe mais, agora ficou só nome” (2016). Curiosamente, até os dias de hoje, consta como mantenedora da Creche a Associação de Senhoras de São Francisco de Assis e há um presidente³⁴, atualmente Marco Aurélio Bernardi, responsável pela mesma. Contudo, nessas primeiras investidas na pesquisa, não foi possível compreender qual o papel que a Associação ocupa na gestão da Creche. Essa é uma questão a ser abordada futuramente. Fico pensando

32 Sociedade de Ginástica de Porto Alegre.

33 As duas Creches aqui explicitadas, trata-se da Creche São Francisco de Assis e a Creche Nossa Senhora da Auxiliadora (inaugurada em 1939), ambas têm como mantenedora a mesma associação.

34 A associação não concedeu entrevista.

em qual seria o objetivo de manter uma Associação apenas no nome, sem ações práticas.

Entende-se que o público atendido pela Creche era formado por crianças de famílias pobres, cujos pais precisassem trabalhar. Tal inferência é confirmada pela narrativa de uma das Irmãs da Congregação de São José, entrevistada por Mello (1997, p. 117). Nas palavras de Ir. Elisa, “a Creche sempre visou o atendimento às crianças filhas de empregadas domésticas e mães solteiras ou mães que não tinham ninguém para deixar os filhos enquanto trabalhavam”.

Quanto à faixa etária atendida, no ano de 1932, segundo Moreira eram acolhidas as “crianças sãs, de 15 dias a 3 anos de idade” (2012, p. 139). Porém, nos estudos de Mello (1997, p. 118) a Ir. Elisa informou que havia, em 1935, crianças de até doze anos. Nas fotos guardadas na Creche, foi possível ver crianças maiores. Talvez a ideia inicial da instituição fosse atender somente bebês, mas com o passar tempo e a necessidade das mães trabalhadoras, isso não tivesse sido possível.

Com relação à quantidade de crianças em sala, é algo surpreendente: quase todas as entrevistadas disseram que havia muitas delas em cada sala, mas suavizaram afirmando que também havia um número significativo de funcionárias. Sobre essa questão, Ir. Elisa informou que, na década de 1930, o número de “crianças no berçário era entre 28 e 30 crianças entre meses e um ano” (MELLO, 1997, P. 118). Entre as décadas de 1970 e 1980, a sala do berçário contava com 20 bebês e quatro atendentes na sala (IVONE, 2016).

A Creche contou com a presença das Irmãs da Congregação de São José até o início dos anos 1980. Elas atuavam nas mais diferentes funções, desde a Direção da instituição, incluindo atividades de cozinheira e de atendente³⁵. Ivone informou que “tinha um internato, que as gurias ficavam e as freiras moravam aqui” (2016). As *gurias* mencionadas pela educadora eram as meninas jovens, leigas³⁶, que trabalhavam na Creche e moravam em uma construção ao lado da mesma. As freiras residiam no segundo andar do prédio.

As entrevistadas informaram que, enquanto as religiosas estavam na

35 Atendente era o nome do cargo desempenhado por quem cuidava das crianças na Creche.

36 Na Igreja Católica, leigos são os cristãos que não fazem parte do clero, ou seja, não são ordenados nem fazem parte da hierarquia eclesiástica, mas participam ativamente de atividades ligadas à Igreja. Fonte: <https://www.significados.com.br/leigo/>

gestão da Creche São Francisco de Assis, sempre recebiam muitas doações, nunca faltavam bens materiais ou alimentos. Tais narrativas indicam o poder da Igreja Católica, na manutenção da instituição, atendendo as necessidades cotidianas da mesma. Ivone lembrou que quando começou a trabalhar lá, em 1978, a Creche “era assistencial, não era cobrado nada”. Após a saída da Congregação, em 1980, “começaram a cobrar uma taxinha” (IVONE, 2016). Com a saída das religiosas, a Creche não contava mais com as mesmas condições, assim, houve a necessidade de cobrar mensalidade. Não haveria a possibilidade de manter a instituição através da filantropia.

Diva comentou como foi morar e trabalhar na Creche no tempo em que as freiras também residiam ali. Em suas palavras, “a gente trabalhava mais, não é por causa do: 'Ah vocês moram aqui vocês tem que trabalhar a mais'. Isso elas nunca falaram, mas se precisava, nos domingos, ir pra cozinha, ajudar, fazer almoço, lavar a louça” (2016). Chama a atenção o fato da funcionária entrar em contradição na sua fala e não perceber o quanto exercia funções para além das suas atribuições, pois, ao que tudo indica, não gozava de um dia de descanso fixo, trabalhava até mesmo aos domingos e, mesmo assim, considera *normal* “ajudar” as religiosas sem ter um horário determinado de trabalho.

A funcionária rememora com nostalgia os momentos vividos ao lado das Irmãs e de como foi acolhida quando, em 1973, lá chegou. “Era muito legal a convivência com as freiras, eu tenho uma lembrança muito boa” (2016). Inicialmente, Diva começou como faxineira, fez questão de dizer que limpava praticamente todo o prédio da instituição sozinha.

Só eu, tudo eu fazia. Naquele tempo as salas de aula, cada professora, no caso nem eram professoras, eram atendentes. Cada uma cuidava da sua sala, então eu ficava com o resto: corredores, pátio, estacionamento. Eu fazia faxina e ajudava na cozinha. Aí anos depois eu fui para o berçário 1, mas eu não aguentei aquele choro das crianças, aquele sofrimento das crianças, eu chorava junto. Eu não podia ver lágrimas [...] passou-se o tempo eu fui pro maternal. Aí fiquei lá anos trabalhando, gostava porque podia brincar, correr sabe? Depois mais adiante teve um problema, trocou de diretora. A diretora foi embora e não tinha quem assumisse (2016).

As entrevistadas informaram que, entre os anos de 1974 e 1980, foram diretoras da instituição: Ir. Ana Alice, Ir. Ana Carolina, Ir. Maria Darjone e Diva Zianni.

As depoentes não souberam informar as diretoras anteriores a esse período, tampouco foram encontrados registros escritos sobre esses dados.

Diva precisou assumir a Direção na década de 1980, pois a Congregação deixou a instituição. Segundo as entrevistadas, isso aconteceu porque estava diminuindo o número de religiosas. Ao explicar o porquê de ter sido escolhida para assumir um cargo desse porte, afirmou que era a funcionária mais antiga e que morava na instituição, desde 1973. É possível que a Associação percebesse a dedicação de Diva e talvez por isso tenha sido escolhida para ocupar tal função. Cabe dizer que esta é outra questão merecedora de uma análise mais detalhada. Sobre o período de aproximadamente dois anos em que ficou como diretora, a depoente diz que:

Foi difícil, é uma coisa que eu não gosto muito de fazer. Aí chamei o Presidente, disse pra ele “olha não tô conseguindo, não quero mais ser diretora da escola”. Então ele disse: “vamos pensar”, aí pensaram. Quem veio como diretora foi a esposa do Presidente. (2016).

Após dois anos na Direção, Diva foi substituída pela sra. Gilda³⁷, esposa de um ex-presidente da Associação. Não soube explicar como essa senhora foi escolhida, tampouco soube dizer como o Presidente é eleito. Fato é que Gilda tornou-se a primeira diretora não pertencente à Congregação. Após a gestão de Gilda, deu-se início a uma outra prática e o cargo de Direção da Creche passou a ser ocupado por funcionárias vindas de fora da instituição.

Seguindo as trilhas das lembranças de Diva, ela explicou que o horário de funcionamento da instituição, era das 7 às 19 horas, mas como as Irmãs residiam no prédio, acontecia, com frequência, de alguma criança entrar antes ou sair depois do horário. Ela lembrou que havia uma mãe que trabalhava nos Correios e precisava deixar o filho lá bem cedo. Explicou que “as freiras levantavam às cinco. Cinco e meia a criança chegava aqui. Se fosse hoje, nem pensar. A Creche abre às sete horas e deu, se vira né?” (2016).

A funcionária disse que até a saída da Congregação, o atendimento era de segunda a sábado, sendo, no sábado, até o meio dia. Essa prática de atendimento, incluindo os sábados e acolhendo crianças por um longo período do

37 Não foi encontrado e não souberam informar o sobrenome da diretora Gilda.

dia, evidencia a fragilidade das relações no mundo do trabalho na época. Apesar de receberem um salário determinado, as funcionárias pareciam não ter um horário fixo dedicado ao trabalho. Isso leva a pensar que havia uma entrega total à função desempenhada. Além disso, trata-se de um tempo em que não havia uma legislação específica para a Educação Infantil³⁸, expressão citada pela primeira vez na Constituição de 1988 (KUHLMANN, 2010).

Ainda sobre as relações de trabalho estabelecidas na instituição, Ivone informou que desempenhava a função de atendente, na década de 1970. Indicou que “não tinha responsável, eram as Irmãs as que respondiam pelas crianças e nós auxiliávamos” (2016). Perguntei à educadora qual era a formação das mulheres que trabalhavam com as crianças. Quando ela iniciou na Creche, em 1978, aos 18 anos:

Não precisava curso nenhum, só conhecimento e eu sempre fui, sempre procurei descobrir. E aqui também tinha a LBA, que era a Legião Brasileira de Assistência, que ela ajudava muito ela fazia cursos, oferecia oficinas, então teve um de como é? Relações Humanas, que tinha o banco... como é que é? O Banco Internacional, mas não é do Brasil. Eles financiavam cursos (2016).

As palavras utilizadas por Ivone ao dizer que *só conhecimento* bastava para trabalhar na Creche, evidencia como era tratada a educação institucionalizada das crianças pobres, no Brasil na década de 1970. Não se exigia uma formação específica para o tratamento com essa faixa etária, ou seja, não se reconheciam as especificidades da infância. Sobre a Legião Brasileira de Assistência (LBA) citada por Ivone, Mello explica:

A Legião Brasileira de Assistência foi “órgão responsável pela manutenção de Creches no país e que chegará a implantar Creches e casas da criança. A LBA surge como iniciativa da primeira dama Darcy Vargas³⁹ que através de um telegrama enviado às esposas de governadores e interventores federais convoca a todos para a missão de amparar as famílias dos convocados pela guerra. (1997, p. 84)

Ivone disse que além da LBA oferecer cursos, a Associação das Creches Beneficentes do Rio Grande do Sul (ACBERGS), também auxiliava na formação das

38 A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e compreende a creche (crianças de 0 a 3 anos) e a pré-escola (crianças de 4 e 5 anos). Fonte: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei número 9.394 de 1996.

39 Esposa de Getúlio Vargas.

educadoras. Comenta que foi a senhora Gilda⁴⁰, ex-diretora da Creche, e a Ir. Maria José que fundaram a ACBERGS. Ao buscar maiores informações sobre essa Associação, encontrei apenas os dados atuais da sede, que até hoje promove cursos de formação para educadores. O prédio dessa Associação está localizado na rua que recebeu o nome da Ir. Maria José Trevisan⁴¹, na Zona Norte de Porto Alegre.

Ivone lembrou a rotina da instituição nas décadas de 1970 e 1980, um tempo em que não se faziam avaliações, nem mesmo reuniões pedagógicas com as educadoras:

Era bem assistencial, mas assim, a gente fazia muita coisa. Como hoje que as gurias vinham com as novidades pedagógicas que a gente praticava na época, só que eram brincadeiras né? Não tinha uma intenção pedagógica, não tinha uma avaliação. (2016)

Assim, narrou o que as crianças faziam naquele tempo: pintavam, desenhavam, ouviam histórias, brincavam, entre outras atividades. Na imagem a seguir, do final da década de 1960, é possível visualizar uma das salas da Creche, com a freira no papel da educadora e as crianças em uma atividade na qual parecem estar brincando, desenhando ou escrevendo.

Figura 9: Uma das salas da Creche



Fonte: Acervo da Creche.

40 Não ficou claro se trata-se da esposa do ex-presidente, cujo nome também era Gilda.

41 A Ir. Maria José é falecida.

Ao rememorar o cotidiano na Creche, Ivone informou que as crianças praticavam brincadeiras diversas das que ela observa nos dias de hoje. E lembra que os pequenos eram mais tranquilos do que hoje em dia. Aqui a educadora traz a ideia de um passado que, no seu entender, era melhor. Como escreveu Mario Quintana, “e o passado uma invenção do presente. Por isso é tão bonito sempre, ainda quando foi uma lástima” (2006, p. 159).

A entrevistada complementa que as crianças brincavam com músicas de roda, “com arminhas, espingardas ou espadinhas de plástico” (IVONE, 2016). É surpreendente essa narrativa de não proibição das brincadeiras com esses objetos. Em seguida, observou que as crianças eram “mais obedientes” (2016). A formação era voltada para que “as crianças obedecessem, então se falasse pra um pai que a criança fez uma coisa errada, não podia falar, porque os pais ficavam furiosos alguns queriam bater nas crianças” (2016). Podemos ver que a obediência, citada pela educadora, está ligada à uma educação baseada no medo de apanhar dos pais.

Diva e Ivone lembraram que, no tempo das Irmãs, se costumava levar as crianças à capela que se localizava no andar térreo do prédio. Talvez nem todas as famílias professassem a religião católica, mas, de certo modo, era imposta pela Creche, pois fazia parte da rotina das crianças. É preciso destacar que o Brasil é um país de forte sincretismo religioso, sendo assim, a mesma família que frequentava a Igreja Católica poderia cultuar qualquer outra religião.

Na imagem a seguir, pode-se perceber um dos momentos em que as crianças estão participando de alguma celebração na capela da Creche. Há imagens de Santos católicos e uma religiosa, provavelmente organizando as crianças. Essa capela existiu durante a estada das Freiras na Creche, após alguns anos da entrada de diretoras leigas, a capela foi transformada em sala, para as crianças do berçário. Já não havia mais uma necessidade de ter uma capela na Creche, pois estava tornando-se laica.

Figura 10: Capela da Creche



Fonte: Acervo da Creche.

Sobre a rotina diária, Diva disse que as crianças “saíam prontinhas, tudo pronto” (2016). Além da alimentação, os banhos eram diários. A Ir. Elisa disse para Mello (1997, p. 119) que, em 1935, “era enorme a quantidade de fraldas para lavar, e havia só uma pessoa para cuidar da lavanderia, mas que esta pessoa ficava doente com frequência, era muito trabalhoso”.

Já Ivone explicou que nos anos 1970 e 1980 as crianças do berçário “vinham com a roupa, a gente colocava roupa dos berçários, da escola porque, às vezes, tava sujo e a gente trocava. Ficavam na escola o dia todo com a roupa da escola. Tinha a lavanderia”.

A creche, desde a sua inauguração, contou com o trabalho de alguns médicos pediatras. Moreira (2012) cita que alguns anos depois da inauguração, a creche contava também com um consultório de dentista. Abaixo, pediatras que trabalharam na instituição, segundo a Dra. Eleonor.

Quadro 3: Médicos que Trabalharam na Creche

| | | |
|---|---|--|
| 1932 até S.D. – Pediatra Dr. Raul Moreira e seu auxiliar Dr. Pedro Pereira. | S.D. até 1974 – Pediatra Dra. Iole Cunha | 1974 até 2004 – Pediatra Dra. Eleonor Gastal Lago |
|---|---|--|

Nos estudos de Mello (1997), consta em uma das falas da Ir. Elisa, que em 1935 havia muitas crianças desnutridas na Creche, “pele e osso, não tinha força nem para chupar a mamadeira” (Mello, 1997, p. 120). Por isso, muitas vinham a morrer. Pode-se perceber o papel exercido pelas instituições alternativas, já que o poder público parecia pouco se importar com essa situação, a igreja Católica, nesse caso, acaba assumindo o compromisso de ajudar os mais pobres. O problema da desnutrição parece ter se estendido até os anos 1970. A pediatra comentou que, naquela década, algumas crianças eram desnutridas e quando passavam a frequentar a instituição começavam a aumentar de peso. Fez questão de ressaltar a função do médico pediatra na Creche. Cita a importância das palestras que realizava para os pais sobre os cuidados com as crianças. Nas palestras eram abordados assuntos como “nutrição, vacinação e higiene”.

Todas as crianças que ingressavam na Creche São Francisco de Assis precisavam passar pela sala da médica para serem examinadas e havia uma conversa com os responsáveis sobre a saúde dos que ingressavam na instituição. Nessa entrevista, eram perguntadas algumas informações, que ficavam armazenadas sob responsabilidade da doutora.

Eleonor disse que não vacinavam as crianças na instituição, nem se faziam exames, mas que era feito um controle da carteira de vacinação. Lembrou que não existiam vacinas para Varicela e Catapora, por isso houve alguns surtos dessas doenças. Em um certo momento, houve uma intoxicação alimentar e a doutora precisou levar equipamentos para analisar fezes e descobrir o que estava causando diarreia e vômito nas crianças.

Através do relato da médica, foi possível perceber o quanto ela se dedicou aos trinta anos de trabalho na Creche, pois, em sua narrativa pareceu fazer questão de destacar que não media esforços para ajudar no que fosse necessário. Inclusive solicitava aos laboratórios amostras, para dar aos pais, dos remédios que fossem necessários, para que as famílias não precisassem comprá-los.

A pediatra disse que o trabalho das atendentes era fundamental, já que elas observavam as crianças por longos períodos do dia. Caso alguma tivesse o comportamento diferenciado das demais da turma, a doutora a avaliava e

observava. Por meio de sua fala, foi possível compreender que não tratava-se de uma normalização, na qual todos precisavam ser iguais, mas que se por acaso uma criança, por exemplo, não engatinhava e todas as demais de sua idade já estavam engatinhando, era averiguado o motivo. Nas imagens a seguir podemos visualizar momentos da sala do berçário.

Figura 11: Freiras no berçário



Fonte:Acervo da Creche.

Figura 12: Sala do berçário



Fonte: Acervo da Creche.

Neste capítulo, foi possível perceber que as memórias da Creche São Francisco de Assis são permeadas de outras memórias, todas elas imbricadas. As memórias das educadoras, Diva, Ivone e Marina e dos médicos Raul e Eleonor foram aqui tramadas e permitiram que se produzisse uma inteligibilidade sobre a história desta instituição educativa.

Atualmente, a Creche São Francisco de Assis é uma escola privada que se mantém através das mensalidades cobradas aos responsáveis pelas crianças. As profissionais que lá trabalham têm formação necessária exigida para a função que desempenham. A escola conta com aproximadamente 50 alunos, com idades entre 6 meses e 5 anos.

4 SEGUINDO POR AREIAS MOVEDIÇAS

Chego ao final desta escrita e relembro de como foi iniciá-la. Lembro da tentadora vontade de "procurar terra firme, terreno conhecido" (RIBEIRO,1999, p. 190) e do pânico que senti ao caminhar por *areias movediças*, quando não encontrei quase nada de produção sobre a história da Creche. As dúvidas sobre como escrever e o que escrever imperavam. Foi um trabalho árduo procurar, nas mais diversas fontes, memórias de uma instituição que, por vezes, pareciam estar muito bem escondidas.

Ao mesmo tempo em que isso foi trabalhoso, tornou-se uma experiência única. Encantei-me quando as entrevistas foram longas e ricas de detalhes e frustrei-me quando uma delas durou pouco tempo. Aprendi, durante esta pesquisa, que o gravador não é necessariamente imprescindível. Uma das depoentes não me permitiu gravar sua voz, mas, ainda assim, produzindo anotações, em uma espécie de diário de campo, foi possível fazer uso de suas narrativas neste estudo.

Com este estudo, buscou-se compreender o significado da constituição da Creche São Francisco de Assis, no contexto dos primeiros anos do século XX em Porto Alegre, percebendo a atuação da instituição junto à comunidade nas décadas seguintes. A Creche foi algo importante naquele momento, tendo em vista ter sido a primeira instituição educativa voltada aos economicamente desfavorecidos em Porto Alegre. A atuação da Creche perdurou, de maneira mais ou menos inalterada até, pelo menos, a saída das freiras na Direção da instituição, na década de 1980.

Através desta pesquisa, compreendi que as relações entre a Creche São Francisco de Assis e a Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre eram estreitas. A Creche foi concebida devido ao forte discurso médico-higienista da época pois, para a sociedade porto-alegrense da década de 1930, a Roda já era considerada algo ultrapassado. Foi possível perceber que a mesma Congregação das Irmãs de São José atuava tanto na administração da Roda dos Expostos quanto, posteriormente, da Creche.

A instituição foi construída no Bairro Cidade Baixa por uma necessidade, devido às condições de vulnerabilidade social de seus moradores, como por

exemplo: mortalidade infantil e desnutrição. Foi inaugurada para ser uma alternativa para que os pais pudessem criar seus filhos, sem que precisassem deixá-los na Roda dos Expostos ou sozinhos em casa. Havia urgência por um lugar seguro onde as mães trabalhadoras pudessem deixar seus filhos.

A construção monumental da instituição se deu por influência dos médicos, dos políticos e das senhoras pertencentes à elite burguesa de Porto Alegre, que estavam *preocupados* com o futuro das crianças pobres. A Creche seria um meio auxiliador do processo de civilidade das crianças pobres, fazendo parte do *surto civilizador* (Moreira, 2012).

Para esta pesquisa, não encontrei um Arquivo pronto e organizado a ser pesquisado. Deparei-me com memórias de pessoas que, de certo modo, têm suas trajetórias de vida confundidas com a história da própria instituição. As fontes foram fundamentais para a construção dessa escrita. Através da obra de Raul Moreira (2012), tive contato com um conteúdo sobre a idealização e inauguração da instituição, que não encontrei em outra fonte. Os estudos de Débora Mello (1997) deram um aporte para que pudesse percorrer o trajeto desse trabalho. Assim como na pesquisa de Mello, destaco que aqui, algumas perguntas ficaram sem respostas, como por exemplo, qual a relação entre a Creche e a Associação de Senhoras, pois esta consta, até os dias de hoje, como mantenedora da Creche. Ainda, tantas outras, relacionadas ao funcionamento da Creche e o Bairro Cidade Baixa, as quais se pretende responder em pesquisas futuras.

A história aqui construída e documentada fica à disposição para que possa ser lida, questionada e interpretada, juntando-se ao estudo produzido por Mello (1997) sobre a primeira Creche do Rio Grande do Sul. Cabe aqui ressaltar a importância desse tema, de *revirar as gavetas da memória* dessa instituição, que na década de 1930 era, para muitas famílias, a alternativa para a sobrevivência de seus filhos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da história**. PINSKY, Carla Bassanezi (org.) In: Fontes históricas, São Paulo: Editora Contexto. 2008.

_____. **O lugar da História Oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa**. In: Ouvir contar: textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRUM, Eliane. **O Olhar Insubordinado**. In: A vida que ninguém vê. Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Diva, entrevista em fevereiro de 2016.

Eleonor, entrevista em fevereiro de 2016.

ERRANTE, Antoinette. **Mas afinal, A Memória é de Quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar**. In: História da Educação. Vol. 4 – n. 8. Pelotas: UFPel. Setembro, 2000, p. 141 – 174.

Ivone, entrevista em fevereiro de 2016.

IZQUIERDO. Ivan. **Memórias**. Estudos Avançados. vol.3 no.6. São Paulo. Maio/Ago.1989.

GRAZZIOTIN, Luciane e ALMEIDA, Dóris. **Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2013.

MAGALHÃES, Justino. **Tecendo Nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco. 2004.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil**. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). História social da infância no Brasil. 5. ed., rev. e ampl São Paulo: Cortez, 2003.

Marina, entrevista em fevereiro de 2016.

MELLO, Débora Teixeira. **As Ações Assistenciais na Criação da Creche na Porto Alegre da Década de 30 entre a caridade e a filantropia**. 1997. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MOREIRA, Raul. **Uma vida pela criança: cinquenta anos de pediatria**. Porto Alegre: Profit Consultoria, comunicação e marketing, 2012.

KEIL, Ivete Manetzeder. **Roda dos expostos: territórios de poder e disciplinamento**. La salle revista educação ciência e cultura. V. 3, nº 01, p. 7-21. Canoas.1998.

KUHLMANN, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação,1998.

PASSETTI, Edson. **Crianças carentes e políticas públicas**. In: DEL PRIORE, Mary. História das crianças no Brasil. 3.ed. São Paulo: Contexto 2002.

QUINTANA, M. **Caderno H**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

RIBEIRO, Renato Janine. **Não há inimigo pior do conhecimento que a terra firme**. Tempo Social; Rev, Sociol. USP, S. Paulo, 11(1): 189-195, maio de 1999.

SANTOS, Irene; SILVA, Cidinha da; FIALHO, Dorvalina E. P.; BARCELLOS, Vera Daisy; BETTIOL, Zoravia. **Colonos e Quilombolas. Memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre**. Porto Alegre: [s/n], 2010.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva. SÃO

Paulo: Companhia das letras. Belo Horizonte: UFMG. 2007.

SILVA, Michele Nascimento. **A construção do Bairro Cidade Baixa enquanto lugar de entretenimento noturno**. Anais do Primeiro Congresso Internacional Espaços Públicos. 2015. PUCRS.

STEPHANOU, Maria. **Saúde, higiene e civilidade em manuais**. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004, Curitiba/PR. A Educação Escolar em Perspectiva Histórica. Curitiba/PR: Universitária Champagnat, 2004.

VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar**. Teoria & Educação. Porto Alegre, n 6, 1992. p.225-246.